

Dívidas e colônias

Ruy Lopes

JORNAL DE BRASÍLIA

Na Venezuela, os ajustes econômicos provocados pela dívida externa causaram uma rebelião popular que deixou mais de trezentos mortos. O presidente Carlos Andrés Pérez, empossado há um mês e tido como de centro-esquerda, resolveu agora suspender o pagamento dos juros aos banqueiros internacionais e diminuir o arrocho da política salarial.

Antes de passar adiante, seria bom lembrar que até há pouco a Venezuela era o maior exportador de petróleo do mundo, e sua dívida externa é, proporcionalmente, maior do que a brasileira. Aqui, os vigaristas diziam que nosso débito aumentava por causa das importações de petróleo; lá, naturalmente, o aumento se deveu às exportações.

Na Argentina, a situação se assemelha. A comunidade financeira internacional praticamente suspendeu as operações com aquele país, que se debate com uma crise econômica que se afigura insuperável. O parque produtivo argentino foi desmantelado, os sistemas de energia e comunicações entraram em colapso e os radicais de direita e de esquerda rivalizam em ações armadas para desestabilizar o regime. Como pano de fundo, uma dívida externa monumental — muito maior do que a brasileira, em termos relativos — muito embora o país vizinho sempre tenha sido auto-suficiente em matéria de petróleo. Sua dívi-

da externa, portanto, não se deve nem a importação nem a exportação de combustíveis.

No Brasil, o presidente Sarney põe a boca no mundo e denuncia a drenagem de recursos feita pelo Plano Marshall às avessas, sob o patrocínio dos organismos internacionais criados para “auxiliar” regiões menos favorecidas. De acordo com estimativas que circulam nos Estados Unidos, a América Latina vai fazer remessas líquidas para o Primeiro Mundo, em 1989, no montante de 25 bilhões de dólares.

Antigamente, quando o cinismo era menor e os impérios assumiam claramente o controle das colônias, a cobrança dos tributos e o massacre dos que resistiam eram tarefas das forças da metrópole. Bons tempos, aqueles.

Hoje, o domínio adquiriu novas feições, e já não há tropas estrangeiras garantindo o colonialismo moderno. Com a cumplicidade de uns poucos vendidos, forjou-se uma dívida externa para cada país periférico e as próprias elites locais se encarregam de assegurar o fluxo de recursos para as metrópoles e de matar os nativos que ousarem a rebelião.

Sarney começou a plantar com Alfonsín as bases de um esquema de libertação, que já conta com a simpatia de meia dúzia de governantes latinos. Ou se avança com esse projeto ou será melhor renunciar à independência de fachada.